

# SOB A FUMAÇA DAS QUEIMADAS DA AMAZÔNIA

**P**erante os países ricos do Grupo dos Sete — que é quem de fato controla o planeta e a opinião pública mundial — o Brasil continua sendo visto como o grande vilão da questão ambiental. Mais que isso: o país continua sem credibilidade internacional quando o assunto é a proteção as suas florestas tropicais, leia-se Amazônia. Maior prova disso foi a resistência — quebrada na última hora — dos representantes do G-7 em liberar mais recursos destinados ao financiamento do Programa Piloto para a Proteção das Florestas Tropicais Brasileiras (o

chamado PPG-7). A queda-de-braço se deu durante encontro realizado na semana passada numa Manaus encoberta pela fumaça das queimadas que circundam há semanas a capital do Amazonas. Patético.

Os países ricos, especialmente a Alemanha, principal patrocinadora do PPG-7, questionaram antes e durante a 4ª Reunião Anual do programa, a visibilidade e a eficácia dos projetos por eles bancados. Não sem razão.

É fato que os projetos existem, são mais de 150, destinam-se à promoção do desenvolvimento sustentável da Amazônia e preten-

dem beneficiar mais de 60 mil habitantes da região. Mas estão longe de funcionar com a eficiência e visibilidade desejadas por seus financiadores. Sobretudo, porque boa parte dos recursos liberados para a primeira fase do programa, que termina no ano que vem, foi "queimada" de forma burocrática, em reuniões técnicas, viagens e discussões na tentativa de identificação dos problemas fundamentais da região.

O PPG-7, embora válido, nem de longe resolve os problemas ambientais da Amazônia, que têm causas fundamentalmente sócio-econômicas e que têm a cumplicidade dos governantes e grandes empresários — que são os que de fato promovem a maior parte de devastação da floresta. E isso não é levado em consideração entre os princípios que norteiam o PPG-7.

O PPG-7 também se reveste de

**“OS PAÍSES DO G-7 FORAM OS PRINCIPAIS RESPONSÁVEIS PELOS GRANDES DESMATAMENTOS DOS ANOS 70 NÃO SÓ NA AMAZÔNIA MAS EM VÁRIOS CANTOS DO PLANETA”**

uma hipocrisia característica dos países ricos em suas relações com os países mais pobres ou em desenvolvimento ou de Terceiro Mundo ou não industrializados ou seja lá como eles preferem denominar “o resto do mundo”.

Primeiro, porque os países do G-7, em boa parte, foram os principais responsáveis pelos grandes desmatamentos das florestas tropicais não só na Amazônia mas em vários outros cantos do planeta promovidos nos anos 70.

Em segundo lugar, porque só os Estados Unidos e o Japão respon-

dem por mais de 30% das emissões de dióxido de carbono — o principal responsável pelo aquecimento global — na atmosfera. A contribuição do Brasil não chega a 6%. No entanto, até agora todas as tentativas de redução e controle da emissão do CO2 expelido essencialmente por indústrias e queima de combustíveis foram barradas, sobretudo pelos Estados Unidos.

Enfim, reuniões e programas semelhantes acabam sendo promovidas sob uma ótica assistencialista e os recursos são negociados quase que como esmolas concedidas pelos países ricos. Em nenhum momento se fala, por exemplo, em



abrir o mercado consumidor desses países para produtos das florestas tropicais, que en-

frentam barreiras comerciais e alfandegárias protecionistas nos Estados Unidos, Japão e União Européia.

O presidente do Incra, Milton Seligman, em sua recente viagem à Europa, lançou a proposta de facilitar a entrada no mercado europeu de produtos gerados por assentamentos promovidos pelo governo no âmbito da reforma agrária para estimular a sua emancipação. Os países que tanto louvam os bons selvagens brasileiros desse final de século, os sem-terra, deverão fazer ouvido de mercador para a criativa sugestão. Aliás, como sempre.

CB  
21/11/1997  
15